

CORPO, AFETO E CLÍNICA NA OBRA DE SIGMUND FREUD

Aluno: Davidson Braga Santos
Orientador: Carlos Augusto Peixoto Júnior

Resumo:

O trabalho clínico de Freud foi o que lhe possibilitou fundamentar sua teoria do aparelho psíquico. Tal aparelho, como se nos apresenta, é movido por uma força que ele denomina pulsão. Trata-se da mesma força que ajuda a constituir o sujeito e que atua sobre o corpo desse sujeito através de sintomas e outras manifestações quando é obrigada a tomar diferentes destinos. O sintoma, por sua vez, é o que leva o paciente até o tratamento psicanalítico onde ele procura entrar em contato com o conteúdo de uma pulsão impedida de atingir seu fim. Perseguimos, então, o caminho que Freud faz na construção do conceito de pulsão e como este conceito se articula com os conceitos de subjetividade, corpo e afetividade. O texto que segue é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre textos freudianos desenvolvida como parte da pesquisa Corpo, Afeto e Subjetividade na Clínica e na Filosofia inscrita no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da PUC-Rio e do CNPq.

PALAVRAS-CHAVE: *clínica freudiana, corpo, afetividade, pulsão*

Introdução:

Desde o início de sua clínica, Freud demonstra atenção especial ao papel da afetividade no desenvolvimento de um sintoma. Em suas primeiras publicações, reconhece ele que, no encaixe dos mecanismos psíquicos que estavam por trás da histeria, sempre se deparou com as emoções. A ainda incipiente psicanálise traz como suposição que o represamento de um afeto constitui um fator dinâmico na origem de um sintoma:

“A psicanálise elimina os sintomas dos histéricos partindo da premissa de que tais sintomas são um substituto — uma transcrição, por assim dizer — de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o recalçamento), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência. Assim, essas formações de pensamento que foram retidas num estado de inconsciência aspiram a uma expressão apropriada a seu valor afetivo, a uma descarga, e, no caso da histeria, encontram-na mediante o processo de conversão em fenômenos somáticos — justamente os sintomas histéricos”
(1905, p. 155)

Partindo dessa consideração, fica fácil perceber o quão estrita é a relação corpo-afetividade em sua extensa obra. Ao pensar a relação entre corpo e afeto na clínica freudiana, uma coisa que devemos ter em mente é que o corpo freudiano é pulsional. De tal modo, nosso interesse recairá sobre o modo como os conceitos de pulsão, sexualidade e corpo se articulam. Um primeiro passo nesse

sentido é a análise dos *Três Ensaio Sobre a Sexualidade*.

O primeiro dos três ensaios refere-se às aberrações sexuais. Freud inicia o texto dizendo que, se comparássemos a pulsão sexual aos instintos de nutrição, a fome seria equivalente a algo que ele chama de libido. É nesse contexto que aparece o conceito de pulsão, embora a primeira teoria pulsional venha a ser apresentada somente cinco anos depois:

“Nossa atenção foi atraída para a importância dos instintos na vida ideacional. Descobrimos que cada instintos procura tornar-se efetivo por meio de idéia ativantes que estejam em harmonia como seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo — os instintos do ego.” (1910, p.223)

Para nos ajudar a compreender a sexualidade e seu mecanismo pulsional, Freud distingue, antes de tudo, o objeto sexual e o alvo sexual. O primeiro seria a pessoa de quem provém a atração; o segundo, a ação para o qual a pulsão impele. A partir daí, vemos o pai da psicanálise esquadrihar as diversas aberrações sexuais, isto é, as perversões.

No contexto em que Freud escrevia, a perversão era entendida como qualquer comportamento sexual considerado desviante, ou seja, não objetivado à procriação. Durante o século XIX, havia uma preocupação com a atividade sexual por necessidade de regular as doenças sexualmente transmissíveis que eram muito presentes (sobretudo a sífilis). Percebemos que, com essa regulação, diversos comportamentos sexuais passaram a ser considerados como quadros clínicos. No estudo desses quadros, Freud classifica as aberrações de acordo com o desvio apresentado: quanto ao objeto sexual e quanto ao seu alvo.

Acompanharemos a evolução do conceito de pulsão ao longo dos anos nos textos de Freud, buscando sempre perceber qual a relação que se estabelece entre esse conceito, a clínica, a afetividade/sexualidade, o sujeito e o corpo. Contudo, o caminho que trilharemos foi determinado pelos principais conceitos que levam a compreensão do sujeito pulsional. Nos afastamos, portanto, de uma cronologia da construção do conceito, mas não a ponto de perder esse raciocínio.

Objeto sexual: corpo e psiquismo

Ao tratar do objeto sexual, o primeiro exemplo de desvio apresentado é o caso dos invertidos, que se refere a homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas outro homem. A análise desse desvio traz uma série de questões que precisam ser esclarecidas. A primeira delas é saber se a inversão é ou não uma degeneração, ao que Freud responde afirmando que apenas quando os desvios são muito

graves, quando prejudicam o funcionamento e sobrevivência, é que podemos falar em degeneração. São fatores que justificam essa posição:

- a) a existência de invertidos que não apresentam desvios graves de comportamento;
- b) o desenvolvimento intelectual e ético em invertidos;
- c) a inversão se fazia presente nos povos antigos civilizados e selvagens.

Uma segunda questão com a qual Freud se defronta é a de saber se a inversão é inata. A isso, ele responde afirmando que, em alguns casos sim. Contudo, ela é um caráter adquirido da pulsão sexual, pois:

- a) pode vir de uma influência sexual prematura;
- b) pode vir de influências externas favorecedoras;
- c) pode ser eliminada por sugestão hipnótica.

Segue-se que tanto o inatismo quanto a aquisição são insuficientes para explicar a inversão. Freud recorre então à noção de Séries Complementares para afirmar que na origem de qualquer coisa psíquica há um elemento constitucional e outro acidental.

Dentre os autores que o precederam no estudo desse desvio, houveram também alguns que recorreram à bissexualidade (hermafroditismo) para explicá-lo. Essa explicação não era mais do que uma tentativa transpor o que se passa no corpo para o psíquico, o que seria muito bom. Todavia, diante dessa impossibilidade, Freud recorre à noção de pulsão sexual como solução, reconhecendo que a inversão e o hermafroditismo somático são independentes. Nas palavras de Freud, “a substituição do problema psicológico pelo anatômico é tão inútil quanto injustificada” (1905, p.135). Aqui há uma primeira indicação de como ele opta por compreender o aparelho psíquico para além do funcionamento do corpo.

Contudo, a relação corpo x psiqué se faz muito presente nessa busca de compreensão da inversão. Chega-se a pensar que um cérebro feminino num corpo masculino poderia explicar o fenômeno. Mas como é o cérebro feminino? Em que ele difere do masculino? São perguntas para as quais ele não tinha resposta. Assim sendo, chega à conclusão de que não dá pra aproveitar a analogia anatomia x psicologia. Não se verifica que a bissexualidade esteja implicada na inversão e é por isso que ele prefere lidar com a pulsão sexual.

Uma questão pulsional

Outro ponto interessante do estudo das perversões é que ele ajuda a esclarecer que a pulsão independe do objeto. Como explicar que o objeto sexual pode ser tão variável entre os seres

humanos? Que dizer de práticas tão distintas no ato sexual? A multiplicidade dos fenômenos perversos deixa a entender que há, entre a pulsão e o objeto, uma ligação muito tênue que permite à pulsão desligar-se desse objeto e dirigir-se a outro. Não ter um objeto específico é uma das características que distinguem a pulsão sexual e o instinto. Nessa direção, Freud mesmo esclarece:

“Por 'pulsão' podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica.” (1905, p. 159)

Mais adiante, em *Os Instintos e suas Vicissitudes*, ao investigar certos termos utilizados com referência ao conceito de pulsão, Freud estabelece quatro elementos pulsionais: pressão, finalidade, objeto e fonte. Diz ele que:

Por *pressão* (Drang) de uma pulsão, devemos compreender sua quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão constante é, de fato, a essência de todas as pulsões. Toda pulsão deve ser compreendida como uma parcela de atividade, cabendo apenas definir como passivas as suas finalidades. (1915, p.127)

A *finalidade* (Ziel) de uma pulsão é sempre a satisfação que ocorre ao eliminar o estado de estimulação em sua fonte. Embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, há a possibilidade de caminhos próximos ou intermediários serem tomados para se alcançar tal meta. Existem também pulsões que são inibidas em sua finalidade, nesses casos trata-se de processos que caminham para a satisfação pulsional, mas são inibidos ou defletidos. (1915, p.128)

O *objeto* (Objekt) de uma pulsão se caracteriza por sua variabilidade e por não estar, originalmente, ligado a ela. Essa primeira definição aponta para duas facetas da relação entre as pulsões e seus objetos: uma que diz respeito à capacidade de modificação que se dá no decorrer dos destinos que a pulsão sofre durante sua existência; a segunda faceta consiste na ligação particularmente estreita que a pulsão pode vir a ter com seu objeto, a tal fenômeno dá-se o nome de fixação. Isso ocorre com maior frequência em períodos muito iniciais do desenvolvimento pulsional, “pondo fim à sua mobilidade por meio de sua intensa oposição ao desligamento” (1915, p.128). Por fim, cabe ressaltar que o objeto não precisa ser necessariamente estranho (externo), ele pode ser uma parte do próprio corpo do indivíduo.

A *fonte* (Quelle) de uma pulsão deve ser entendida como o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão. Nesse ponto, Freud apresenta a impossibilidade de se estudar as fontes das pulsões pelo viés da psicologia, pois,

embora elas sejam inteiramente determinadas pelas fontes somáticas, na vida mental só há como conhecer suas finalidades. Aqui, mais uma vez, vemos com clareza a opção de Freud por trabalhar o psiquismo, mesmo que esse trabalho esbarre muitas vezes no corpo: “o estudo das fontes dos instintos está fora do âmbito da psicologia.” (1915, p.129)

O alvo sexual: patologia e normalidade

Freud entende que a ação normal do desejo sexual é o coito, pois somente esse ato extingue temporariamente a pulsão sexual. Outras ações durante a relação sexual, tais como apalpar, contemplar etc são reconhecidas como alvos sexuais secundários. Nesse caso, as perversões são anatômicas (quanto a regiões do corpo) ou demoras nas relações intermediárias com o objeto.

Transgressões anatômicas podem ser de supervalorização do objeto (em que apenas a genitália interessa); do uso sexual da mucosa dos lábios e da boca (situações de língua com genitália e língua com língua em que a pulsão sexual vence o asco); do uso sexual do orifício anal; da significação de outras partes do corpo (que não acrescenta muito ao conhecimento pulsional); de fetichismo, isto é, de substituição imprópria do objeto.

Os desvios quanto ao alvo sexual são também identificados nos casos de fixações de alvos sexuais provisórios: surgimento de novas intenções (demora para execução); tocar e olhar (nesses casos, é perversão se demora-se demais aí, se esses atos substituem o coito e se superam o asco no caso de voyeur); sadismo e masoquismo.

O estudo das perversões traz como consideração importante o fato de que pessoas sadias cometem transgressões, sobretudo em condições favoráveis. E esta é uma inovação do texto: a aproximação entre o normal e o patológico. Estando a sexualidade na origem das neuroses, o sujeito resolveria sua doença se voltasse a uma vida sexual normal (caso das neuroses atuais) ou seria considerado degenerado e sua doença é uma psicose (caso daqueles que não podem mudar o comportamento sexual, visto que na origem da doença está um desvio anterior, ocorrido durante a infância).

No século XIX, o termo “degenerado” tem duplo sentido: distúrbio mental e falta moral. A defesa de Freud é que as psicose têm também dupla origem: hereditariedade e experiências sexuais na infância, cujo contexto se repete na adolescência (trauma em dois tempos).

“Pois os acontecimentos e influências que estão na raiz de toda psicose pertencem, não ao momento atual, mas a uma época da vida há muito passada, que é, por assim dizer, pré-histórica — à época da primeira infância; e eis por que o paciente também nada sabe deles. Ele os esqueceu — embora apenas em determinado sentido.” (1898, p.255).

Portanto, o que torna o evento patológico é o fato de que os adultos não se permitem sequer dar

conta do acontecido, pois “pretendem” que as crianças não sejam seres sexuais. De tal modo, o caráter patológico da degeneração é uma não manifestação adequada de algo normal para todos os humanos: a sexualidade. Notamos assim que Freud se interessa pelos desvios como algo quantitativo e não mais qualitativo.

“Já que os pequenos desvios de uma *vita sexualis* normal são por demais comuns para que possamos atribuir qualquer valor a sua descoberta, concederemos peso explicativo apenas às anormalidades sérias e prolongadas na vida sexual de um paciente neurótico.” (1898, p. 256)

Em suma, algumas conclusões que o próprio Freud faz acerca das perversões é de que: 1) a pulsão sexual deve lutar contra as resistências anímicas (vergonha e asco) e 2) essas forças contribuem para circunscrever a pulsão sexual dentro da normalidade. Ora, se a pulsão deve ser mantida dentro de uma faixa de normalidade, devemos entender que ela é, em sua origem, perversa.

Retomando o que foi dito acerca da pulsão e da origem do sintoma, a saber, que este é fruto de um represamento daquela, fica-nos claro o que Freud quer dizer quando afirma que “a neurose é o negativo da perversão” (1905, p.157). Em outras palavras, as pulsões perversas estão na origem dos sintomas psiconeuróticos. Nos neuróticos há moções de inversão, tendências à transgressão anatômica e também pulsões parciais como formadoras de sintoma.

Mas por que dizer que as pulsões que estão na origem do sintoma são parciais? Como Freud nos ensina, a “pulsão é o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente” diferente do “estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora.” Tal afirmação significa que ela tem origem no corpo mas se manifesta no psíquico. Uma característica marcante do conceito de pulsão aqui apresentado é que ela deve ser “considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica.” Seria o mesmo dizer que a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. Em consequência, uma pulsão parcial que vem da excitação de um órgão específico é do tipo sexual e o órgão em questão é chamado de “zona erógena”. (1905, p.159)

Dentre as zonas erógenas, destacamos a mucosa labial, a mucosa anal e o genital, embora outros órgãos também sejam tomados como zona erógena. Isso acontece por exemplo com os olhos na escopofilia e no exibicionismo e a pele no sadismo-masiquismo. Em algumas patologias como a neurose obsessiva e paranoia o sentido das zonas erógenas não é facilmente reconhecido como acontece na histeria. Isso porque nessas doenças os sintomas são formados em regiões do aparelho psíquico mais afastadas dos centros específicos que dominam o corpo.

O que Freud está querendo nos explicar é que os neuróticos preservaram o estado infantil da sexualidade ou foram retransportados para ele. Assim, reconhecemos que há algo inato na base das perversões e que esse algo é inato em todos os seres humanos, embora, enquanto disposição, possa

variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida. Mas essa gênese só é demonstrável na criança.

Sexualidade(s)

O recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais. “Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques” (1905, p.167). Esses diques podem ser traduzidos como o asco, o sentimento de vergonha, exigências dos ideais estéticos e morais. Visto que Freud introduz a noção de uma sexualidade infantil, tentemos marcar a diferença entre essa sexualidade e a que se manifesta na vida adulta como sexualidade normal.

A vida sexual infantil tem duas características muito próprias: é autoerótica e perversa polimorfa. Autoerotismo traduz a ideia de que o objeto sexual infantil é encontrado no próprio corpo da criança, através das zonas erógenas:

“A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente, os lábios.” (1905, p.171)

Também por razão das zonas erógenas e das pulsões parciais que se encontram desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer, dizemos que a sexualidade infantil é perversa polimorfa. A disposição perversa polimorfa, por sua vez, pode ser verificada nas diversas manifestações de sexualidade que transgridem o normal e são abundantemente presentes em uma criança. “Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência”. (1905, p.180)

Por outro lado, a vida sexual adulta tem um objeto sexual alheio e a obtenção de prazer se encontra submetida à função reprodutora.

“Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo

alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito(...)

O novo alvo sexual do homem consiste na descarga dos produtos sexuais; o anterior – a obtenção do prazer – de modo algum lhe é estranho, mas antes, o mais alto grau de prazer se vincula a esse ato último do processo sexual” (1905, p.196)

Sem essa organização das zonas erógenas e primazia da função reprodutora no ato sexual, podemos dizer que a sexualidade infantil se organiza em estágios pré-genitais: a) uma oral (canibalesca), em que o alvo sexual é a incorporação do objeto; b) uma sádico-anal, em que se estabelece uma divisão de opostos entre passivo-ativo; c) uma fase fálica, que tem objeto sexual mas não há uma convergência para esse objeto e onde só se conhece um tipo de genital: o masculino. “A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis”. (1905, p.184)

Em geral, no Complexo Édipo já se manifesta a diferenciação sexual. O Édipo é o complexo nuclear das neuroses e nele culmina a sexualidade infantil, provocando grande influência na sexualidade adulta. Tal complexo é um desafio que todo ser humano deve enfrentar e, aquele que não consegue dominá-lo sucumbe à neurose. De tal modo, mesmo quem não desenvolveu uma fixação incestuosa da libido, pode está sujeito a sua influência. Qualquer perturbação da relação com os pais trará graves conseqüências na vida sexual madura.

A fase fálica marca a existência de dois tempos de escolha objetal, sendo que a latência é o intervalo entre esses tempos. Correntes sensual e de ternura se formam nessa fase e o que a segue é a fase genital. Na puberdade, a pulsão sexual encontra objeto sexual, deixando de ser predominantemente autoerótica. Surge um novo alvo sexual com o estabelecimento de diferenças entre os sexos e todas as pulsões parciais se subordinam ao primado do genital. Essa mudança parece significativa no desenvolvimento da teoria da sexualidade. A busca do prazer caracteriza a sexualidade infantil, ao passo que a sexualidade adulta é marcada pela busca de descarga sexual, visto que agora os genitais crescem e estão preparados para a reprodução. Quer por excitação das zonas erógenas conhecidas, quer pelo interior do organismo, ou ainda pela vida anímica, há uma excitação sexual que se exprime por sinais anímicos (sentimento peculiar de tensão) e somáticos (ereção do pênis ou umidificação da vagina).

O prazer:

A excitação proveniente das zonas erógenas produzem um estado de tensão e toda tensão é desprazerosa. Mas, como explicar que a tensão sexual seja prazerosa? Sobre as zonas erógenas recai um papel importante na introdução da excitação sexual. Um aumento de tensão logo se converte em desprazer quando não lhe é permitido o acesso a um prazer ulterior. Quando se estimula por contato

uma zona erógena, provoca-se na pessoa uma sensação prazerosa, mas também desperta uma excitação sexual que exige um aumento do prazer. Mas como um prazer vivenciado pode despertar a necessidade de um prazer maior? O primeiro prazer é um pré-prazer. As zonas erógenas são assim empregadas para possibilitar a produção do prazer final, que é um prazer de satisfação.

O pré-prazer pode levar à perversão, se é demasiadamente grande e contribui pouco ou quase nada para a tensão, tomando o lugar do alvo sexual normal. Isso acontece se, na infância, a zona erógena em questão ou a pulsão parcial correspondente haja contribuído de maneira incomum para a obtenção de prazer. Porém, já na infância, junto ao prazer de satisfação, há uma dose de tensão sexual. Assim, prazer e tensão só podem estar relacionados de maneira indireta.

Aqui, mais uma vez podemos verificar a interação corpo e psiqué em função da afetividade/sexualidade. Mesmo que tenha a intenção clara de cuidar exclusivamente dos fenômenos psíquicos, Freud sempre se depara com o corpo e isso é compreensível se tomarmos por princípio que o aparelho mental que ele propõe tem um funcionamento pulsional e que as pulsões tem sua origem no soma. O erro seria ficarmos estritamente ligados ao somático e nos esquecêssemos que o foco da psicanálise é o aparelho psíquico. Em todo caso, ao avaliar o funcionamento do prazer vemos Freud admitir que:

“Esse aparelho deve ser acionado por estímulos, e a observação nos permite saber que os estímulos podem afetá-los por três caminhos: vindo do mundo externo, mediante a excitação das zonas erógenas já conhecidas, do interior do organismo, por vias que ainda temos de explorar, e da vida anímica, que por sua vez é um repositório de impressões externas e um receptor de excitações internas. Pelos três caminhos provoca-se o mesmo efeito, ou seja, um estado que se designa como “excitação sexual” e que se exprime por dois tipos de sinais, anímicos e somáticos. O indício anímico consiste num sentimento peculiar de tensão, de caráter extremamente premente; entre os múltiplos indícios corporais situa-se, em primeiro lugar, uma série de alterações nos genitais...” (1905, p.197)

A teoria do prazer é desenvolvida do longo de toda a obra de Freud. Essa imagem apresentada em 1905 sofrerá algumas modificações até 1920 quando ele publica *Além do Princípio de Prazer*. Nesse texto, assim como apresentado acima, o prazer e desprazer estão relacionados à quantidade de excitação, presente na mente, mas que não se encontra vinculada (ligada), isto é, exige descarga. O aumento na quantidade de excitação é sentido como desprazer e uma diminuição é experimentada como prazer.

“Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tao baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante” (1920, p.18).

Trata-se de um princípio de constância, que fora enunciado em 1895 (*Estudos Sobre a Histeria*) e

que dá origem ao princípio de prazer. Esse princípio, segundo Freud, não leva em consideração a realidade externa, mas apenas a fantasia. Precisamente neste ponto, vemos o autor colocando o funcionamento do aparelho psíquico quase que independente do mundo externo, ou, para ser mais preciso, numa tendência a proteger-se dos estímulos e excitações que provocam desprazer: “a proteção contra os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais importante do que a recepção deles” (1920, p.38).

A tendência à proteção contra os estímulos é também uma ocasião para que Freud aponte mais uma vez a interferência do corpo na vida anímica e, por conseguinte, na sexualidade. A proteção contra os estímulos mostra-se falha, sobretudo quando se trata de excitação interna. “As mais abundantes fontes dessa excitação interna são aquilo que é descrito como as ‘pulsões’ do organismo, os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica.” (1920, p.45)

As observações de Freud levam-no, contudo, a transpor o princípio de prazer. A compulsão à repetição, que se manifesta nas brincadeiras de crianças, nos sonhos traumáticos e no trabalho clínico, deixa a suposição de que existe algo além do princípio de prazer:

“As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter instintual e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação.” (1920, p.46)

Esse caráter instintual (pulsional) das manifestações da compulsão à repetição faz com que Freud re-elabore o conceito de pulsão. O novo conceito, tal qual apresentado em 1920, é baseado também na observação da vida de animais que demonstra o quanto a pulsão pode ter uma determinação histórica. Trata-se de uma novidade porque a pulsão não é vista aqui como uma força que impele à mudança, mas exatamente o oposto: uma expressão conservadora do organismo vivo:

“Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” (1920, p. 47)

Este é mais um momento fundamental na constituição do conceito de pulsão. Freud está prestes a propor a segunda teoria pulsional. Ele nos propõe pensar que todos os instintos tendem à restauração de um estado anterior de coisas:

“Suponhamos, então, que todos os instintos orgânicos são conservadores, que são adquiridos historicamente, e que tendem à restauração de um estado anterior de coisas. Disso decorre que os fenômenos do desenvolvimento orgânico devem ser atribuídos a influências perturbadoras e

desviadoras externas.” (1920, p.48)

Assim, aos poucos, ele nos conduz a acrescentar um novo olhar para as pulsões: se todos as pulsões são restauradoras de um estado anterior e o estado anterior era de ausência de estímulos: Princípio de Nirvana, há portanto, a possibilidade da existência de pulsões de morte:

“Essas pulsões, portanto, estão fadadas a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos. (...) seremos então compelidos a dizer que 'o objetivo de toda vida é a morte', e, voltando o olhar para trás, que 'as coisas inanimadas existiram antes das vivas'.”

Com isso, passa-se a compreender o conflito como algo que se dá entre as pulsões de vida e de morte.

Libido e narcisismo:

O papel da tensão sexual e busca de descarga, leva-nos a retomar um termo pulsional que Freud utilizou para iniciar o primeiro dos três ensaios sobre a sexualidade: a libido. Libido é uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Origina-se da energia subjacente aos processos anímicos em geral e pode ser de dois tipos: libido do eu (ou libido narcísica) e libido objetal. Nos estados em que a libido fica entre o objeto e o eu ela provoca tensão. Assim, a libido do eu seria o reservatório de onde partem os investimentos de objeto e o investimento narcísico é característico da primeira infância como apresentado em *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*.

O Narcisismo em Freud deriva da descrição clínica e se refere à atitude da pessoa que trata o próprio corpo como um objeto sexual. O texto freudiano que introduz o tema data de 1914. Nesta época, Freud ainda não havia elaborado a segunda teoria pulsional e, portanto, vigorava a teoria de 1910 que apresentava duas pulsões: a sexual e a do eu (de autoconservação ou de autopreservação):

“Repetidas vezes (...), tivemos de tratar da diferença entre os instintos do ego e os instintos sexuais. Em primeiro lugar, a repressão nos mostrou que esses dois instintos podem opor-se um ao outro, que os instintos sexuais são ostensivamente reprimidos e são obrigados a encontrar satisfação por si mesmos, por vias regressivas e indiretas, e que, com isso, eles são capazes de encontrar compensação por haverem sido frustrados em sua inflexibilidade. A seguir, verificamos que os dois tipos de instintos, desde o início, relacionam-se diversamente com a Necessidade, a educadora, de modo que a sua trajetória evolutiva não é a mesma, e que não estabelecem a mesma relação com o princípio de realidade. Por fim, pensamos haver reconhecido que os instintos sexuais, mais do que os instintos do ego, têm estreitos laços a vinculá-los ao estado afetivo de ansiedade...” (1917, p.413)

Segundo essa teoria, a pulsão sexual está ligada à preservação da espécie humana e sua energia é chamada libido ao passo que a pulsão do eu está ligada à preservação do indivíduo e interesse é o nome de sua energia. “O narcisismo nesse sentido, não seria uma perversão, mas o complemento

libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, que, em certa medida, pode justificadamente ser atribuído a toda criatura viva.” (1914, p.81)

Diz-se que o fundador da psicanálise foi levado à suposição do Narcisismo por três fatores. O primeiro deles foi a dificuldade no trabalho psicanalítico em neuróticos. Essa dificuldade consistia numa impossibilidade de se estabelecer a transferência. Ele observou que pacientes com histeria ou neurose obsessiva desistem de sua relação com a realidade, mas nunca cortam suas relações eróticas: as retêm na fantasia. A ocorrência desse fenômeno foi explicada por haver uma Introversão da Libido. Um segundo fato foi a percepção do que acontecia com os casos de esquizofrenia e paranóia. Ao se aproximar desses doentes, que Freud denomina parafrênicos, ele identificou neles uma megalomania e justificou que isso se dá porque a libido desses pacientes se encontra voltada para o eu. Por fim, a terceira curiosidade que aponta para a existência do narcisismo é a vida mental de crianças e de povos primitivos, pois estes superestimam o poder de seus desejos e dos atos mentais. Acreditam que suas palavras e pensamentos produzem os fenômenos ao seu redor quando estes coincidem com seus desejos.

Freud sabe que o que está apresentando é uma coisa totalmente nova e que pode parecer estranho aos que o ouvem sem ter muito contato com a Psicanálise. É por essa razão que ele propõem uma paráfrase com a mecânica. Diz ele que o investimento da libido no ego ou no objeto deve ser entendido como um sistema de vasos comunicantes: quanto mais uma é elevada, mais a outra se esvazia:

“Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranóico (ou autopercepção) do ‘fim do mundo’.” (1914, p.83)

E mais: inicialmente não é possível distinguir o interesse e a libido. Somente quando há investimento objetal é que isso se dá, pois, no início da vida, o sujeito se autossatisfaz através das zonas erógenas (autoerotismo, como visto acima). Nessa fase, ainda não se está constituído um eu, fazendo-se necessária uma nova ação psíquica que provoque o narcisismo. Essa nova ação é que dará origem ao eu enquanto instância psíquica.

Um primeiro exemplo de como o narcisismo se manifesta é o que acontece na doença orgânica. Quando uma pessoa se vê atormentada por uma dor, ela deixa de se interessar pelo ambiente externo. Diz-se então que tanto sua libido quanto seu interesse têm o mesmo destino: o próprio eu. Algo semelhante acontece quando estamos com sono. Pouco a pouco nossa libido volta-se para o interior, permitindo-nos desligar dos apelos do ambiente e dormir.

Na hipocondria, assim como na doença orgânica, que se manifesta em sensações corpóreas aflitivas e penosas, tanto o interesse quanto a libido são retirados dos objetos externos, embora aqui não haja evidência orgânica de sofrimento. Freud compara a hipocondria às neuroses atuais, pois nelas os órgãos são alterados sem a verificação de uma doença. Dirá ele que, se o investimento do eu com a libido exceder uma quantidade normal, nós adoecemos: “devemos começar a amar a fim de não adoecermos” (1914, p. 92). Neste ponto, faz uma diferenciação do que acontece com a libido nas parafrenias e nas neuroses de transferência. Diante da frustração, nas parafrenias, a libido vai para o eu, o que explica a megalomania típica desses pacientes. Já nas neuroses de transferência, a energia da pulsão sexual se liga a objetos da fantasia dando origem à conversão, formação de reação e construção de proteções, respectivamente nos casos de histeria, neurose obsessiva e fobia.

Escolha objetal:

O terceiro fato que exemplifica a manifestação do narcisismo é o que acontece na vida erótica dos seres humanos. As crianças derivam seus objetos sexuais de sua experiência de satisfação, pois

“os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua.” (1914, p.94)

A partir dessa constatação, Freud vai dizer que a criança pode fazer uma escolha anaclítica ou narcísica de seus objetos amorosos. Na primeira escolha, verifica-se que a pulsão sexual se apóia na pulsão do eu segundo o objeto que satisfazia suas necessidades de autoconservação. Na segunda, o modelo do objeto não é o cuidador/mãe mas o próprio eu. Nesse caso, os objetos serão sempre parecidos com o próprio sujeito. Na verdade, essas escolhas não constituem dois grupos, visto que os seres humanos têm originalmente dois objetos sexuais. É isso o que permite a formulação da existência de um narcisismo primário.

“O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” com o seio materno, objeto da primitiva satisfação sexual que ainda estava ligada à nutrição (1905, p.210). Durante a latência a criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades. Esse trato é uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais provenientes das zonas erógenas. Como a pulsão sexual não é despertada apenas pelo genital, a ternura também um dia exercerá seus efeitos sobre o genital.

O natural seria que os filhos escolhessem quem ama (os pais) como objeto sexual, mas há um adiamento da maturação sexual que permite que se forme a barreira do incesto, exigência cultural da sociedade. Entretanto, a escolha do objeto se dá na fantasia e, com frequência, a barreira do

incesto é transgredida nesse âmbito (e algumas vezes na realidade).

Sinteticamente, podemos dizer que uma pessoa pode amar:

Narcisicamente:

- o que ela é;
- o que ela foi;
- o que ela gostaria de ser;
- alguém que foi parte dela mesma.

Anacliticamente:

- a mulher que a alimenta;
- o homem que a protege.

Observemos também as considerações que Freud faz a respeito da autoestima e a escolha narcísica. A finalidade e satisfação de uma escolha objetal narcísica (que não é o mesmo que narcisismo) consiste em ser amado. O investimento libidinal objetal não eleva a autoestima. Do mesmo modo, uma pessoa que ama priva-se de uma parte do seu narcisismo, pois sua libido se volta a um objeto. A autoestima, portanto, expressa o tamanho do eu e depende intimamente da libido narcísica. Simplificando: ser amado aumenta a autoestima, não ser amado a diminui.

A autoestima tem três partes:

- uma primeira que é resíduo do narcisismo infantil;
- uma decorrente da realização do ideal do eu;
- uma que provém da satisfação da libido objetal.

Os sexos:

Há, no entanto, na visão de Freud, relevantes diferenças sexuais entre homens e mulheres. Diz ele que, na mulher, a intensificação do narcisismo desfavorece uma supervalorização sexual (transferência do narcisismo para o objeto), levando-a a uma necessidade de ser amada. No homem, acontece com mais frequência as escolhas anaclíticas que permitirão a supervalorização do ego, deixando aparecer o “amor completo”, estado peculiar de uma pessoa apaixonada: empobrecimento do eu em favor do objeto.

Outras diferenças entre os sexos são marcadas por Freud no texto de 1905. Para ele, as mulheres tem tendência maior ao recalçamento quando entram na puberdade e preferem a forma passiva de sexualidade, com exceção da atividade auto-erótica que é idêntica em ambos os sexos. O homem,

por sua vez, tende a desenvolver-se na mesma direção que vinha desde a infância, assumindo posturas mais ativas. Assim, em Freud, masculino se refere a atividade e feminino a passividade. Desse modo, a libido seria sempre masculina pois a pulsão é sempre ativa, mesmo que escolha um alvo passivo.

“Mas a atividade auto-erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. Com respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de 'masculino' e 'feminino' um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher.” (1905, p.207)

Também as zonas dominantes são diferentes entre os dois sexos na idade adulta. No homem é a glândula e na mulher, o clitóris. Essa diferenciação leva Freud a confirmar seu pensamento de que a mulher precisa passar por um estágio de involução na puberdade para “se tornar feminina”. Diz ele que a mulher precisa fazer uma transferência da zona dominante do clitóris para a vagina (que fica insensível por um período). Nota-se que para Freud, a bissexualidade parece algumas vezes mais uma unissexualidade: a masculina. É como se todos nascessem masculinos e a mulher tivesse que se feminilizar. Isso deixa a mulher propensa a neurose (histeria).

Narcisismo e ideal do eu:

O narcisismo não é algo que passa com o tempo. A sugestão é de que ele “se encolhe” formando uma parte do eu: o eu ideal. Durante o confronto com a castração, configura-se um ideal do eu, isto é, formula-se o que o eu gostaria de ser. A partir de então, o eu sempre tenta alcançar este ideal que formou pra si, o que permitirá o surgimento da consciência. Esta funciona como um agente crítico que avalia o quanto o eu está próximo de seu ideal, assegurando uma satisfação narcisista. Quanto mais próximo, mais eufórico se apresenta o eu, quanto mais distante, mais depressivo.

O narcisismo surge, assim, deslocado em direção a este eu ideal (perfeito como o eu infantil). O homem não está disposto a abrir mão de sua perfeição de infância. Quando é criticado, busca recuperar esta perfeição sob a forma de um eu ideal, que aparece como substituto do narcisismo infantil.

Pode-se dizer que um homem que se entrega a experiências, impulsos, desejos fixou um ideal em si mesmo, pelo qual mede seu eu real. O homem que rejeita as mesmas coisas com indignação (ou as abafa antes que entrem na consciência) não formou qualquer ideal desse tipo. Para o eu, “a formação de um ideal é fator condicionante do recalque” (1914, p. 51), pois o ser humano recalca o que o limita. Notemos, portanto que a formação de um ideal aumenta as exigências do eu.

Destinos da pulsão:

Ao tratar do narcisismo e ideal do eu, Freud tenta esclarecer as possíveis confusões que venham a surgir entre a sublimação e a idealização do objeto. A sublimação é um dos destinos da pulsão sexual e manifesta-se quando, ao invés de uma descarga no ato sexual, o sujeito direciona sua libido para a realização de obras de relevante valor cultural, artístico, social. Assim, um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do eu, nem por isso foi bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais. O ideal do eu exige a sublimação mas não pode impô-la. Ela acontece quando a libido objetal se afasta da satisfação sexual. A idealização, por sua vez se dá quando o objeto é exaltado. Essa diferenciação deixa claro que a sublimação tem a ver com a pulsão, ao passo que a idealização se relaciona com o objeto.

Já tratamos neste texto, de dois conceitos da pulsão: um apresentado em 1905 e outro de 1920. Há ainda, um conceito intermediário, datado de 1915 e que vale a pena ser discutido antes de concluir nossas observações sobre o corpo pulsional freudiano.

“Isso é tudo que pode ser dito à guisa de uma caracterização geral dos instintos sexuais. São numerosos, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do ‘prazer do órgão’, somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como instintos sexuais. Logo que surgem, estão ligados aos instintos da autopreservação, dos quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelos instintos do ego. Parte deles permanece associada aos instintos do ego pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente uns pelos outros, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais — isto é, capazes de ‘sublimação’. (1915, p.131)

Freud resume nesse parágrafo, quase tudo o que ele havia construído até então acerca da teoria das pulsões e apresenta, a partir de então, quatro possíveis caminhos para a pulsão durante o desenvolvimento do sujeito:

“A observação nos mostra que um instinto pode passar pelas seguintes vicissitudes:

Reversão a seu oposto.

Retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo.

Repressão.

Sublimação.” (1915, p.132)

Na realidade, ele trata, neste texto apenas dos dois primeiros destinos. A respeito da sublimação, encontramos algumas referências espalhadas em diversos textos. O mais importante talvez seja o que foi apresentado no primeiro parágrafo deste tópico. Quanto à repressão, há um texto (*O Recalque*) de 1915 que explica longamente o funcionamento desse destino que é também um dos principais conceitos metapsicológicos da Psicanálise. Contudo, é exatamente sobre os dois destinos apresentados em *A pulsão e seus Destinos* que recai nossa atenção neste momento.

O primeiro destino, reversão da pulsão ao seu oposto, se dá por meio de dois processos que se diferem em natureza: uma mudança da atividade à passividade e uma reversão de seu conteúdo. Em relação ao primeiro processo, encontram-se exemplos em dois pares de opostos: sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo. Este afeta apenas as finalidades das pulsões: a finalidade ativa (torturar, olhar) dá lugar à finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). O segundo processo, uma reversão do conteúdo, encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.

O segundo destino, o retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, é apresentado a partir da concepção de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao ego do indivíduo; e de que o exibicionismo dirige o olhar ao seu próprio corpo. A essência do processo consiste na mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Contudo, cabe ressaltar que, nesses exemplos, o retorno em direção ao próprio ego e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem.

Nesse momento, Freud elucida a questão concernente ao par de opostos sadismo-masoquismo apresentando o processo a partir de três pontos:

O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre outra pessoa/objeto;

Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Em face dessa troca, efetua-se concomitantemente a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva;

Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto, e, devido à alteração na finalidade pulsional, esta tem de assumir o papel do sujeito.

Uma observação atenta do seu texto, permite-nos notar mais uma vez a fronteira entre o corpo pulsional freudiano e o corpo físico. No par de opostos sadismo-masoquismo, fica claro o direcionamento da pulsão para causar dor. Assim afirma:

“Nosso conceito de sadismo fica ainda mais prejudicado pela circunstância de que esse instinto, lado a lado com sua finalidade geral (ou talvez, de preferência, dentro dela) parece esforçar-se pela realização de uma finalidade bem especial — não só humilhar e dominar, como também, além disso, infligir dor. A psicanálise pareceria demonstrar que infligir dor não desempenha um papel entre as

ações intencionais originais do instinto. Uma criança sádica não se apercebe de que inflige dor ou não, nem pretende fazê-lo. Mas, uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, a dor é muito apropriada para proporcionar uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor.” (1915, p.133)

Em relação ao segundo par de opostos escopofilia-exibicionismo, Freud enumera as fases da mesma maneira do exemplo anterior:

- 1) O olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho;
- 2) a desistência do objeto e o direcionamento da pulsão escopofílica para uma parte do próprio corpo do sujeito; ao mesmo tempo, se dá a transformação da atividade à passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade – a de ser olhado;
- 3) aparecimento de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe com intuito de ser olhada por ele.

A mudança do conteúdo de uma pulsão em seu oposto é apresentada a partir de um exemplo: a transformação do amor em ódio. Freud ressalta que, na experiência, é comum encontrar ambos dirigidos simultaneamente ao mesmo objeto, fato que aponta para uma verdadeira ambivalência de sentimento. O amor, de forma sucinta, admite três antíteses, a saber: ‘amar-odiar’, ‘amar-ser amado’ e amar e odiar que, tomados em conjunto, são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença.

Tendo apresentado os opostos do amar, Freud visa compreendê-los a partir de três polaridades que regem a vida mental como todo:

- a) Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo),
- b) Prazer – Desprazer, e
- c) Ativo – Passivo.

A antítese sujeito-objeto emerge em uma situação primordial na qual o organismo individual busca silenciar os estímulos externos por meio de ação muscular, mas é inerme contra os estímulos pulsionais, como já apresentado no tópico sobre o prazer. A polaridade do prazer-desprazer está ligada a uma vasta escala de sentimentos que determinam nossas ações e nossa vontade. Por fim, o par de opostos ativo-passivo não deve ser confundido com o par sujeito-objeto, pois:

“A relação do ego com o mundo externo é passiva na medida em que o primeiro recebe estímulos do segundo, e ativa quando reage a eles. Ela é forçada por seus instintos a um grau bem especial de atividade para com o mundo externo, de modo que talvez pudéssemos ressaltar o ponto essencial se disséssemos que o sujeito do ego é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativos através dos

seus próprios instintos.” (1915, p. 139)

A antítese ativo-passivo, posteriormente, funde-se com o par de opostos masculino-feminino; antes que isso tenha ocorrido não há qualquer significado psicológico.

As três polaridades estão ligadas umas às outras de maneira significativa. No próprio começo da vida mental, há uma situação na qual duas delas coincidem. Nessa etapa, o ego é investido com as pulsões, sendo até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo. Trata-se do narcisismo, cuja forma de obter satisfação é autoerótica. O mundo externo, portanto, não é investido com interesse, sendo indiferente aos fins de satisfação. Durante esse período, podemos estabelecer que o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo externo, com o que é indiferente (ou possivelmente desagradável, em termos de fonte de estimulação). O amar, por enquanto, defini-se como a relação do ego com suas fontes de prazer; nesse caso, o ego ama somente a si próprio e é indiferente ao mundo externo – essa configuração ilustra o primeiro dos opostos que encontramos para ‘o amor’.

Em uma fase posterior do desenvolvimento mental, o ego (auto – erótico), em consequência das experiências sofridas pelas pulsões de autopreservação, passa a adquirir objetos do mundo externo. Apesar de todo esforço, não há como evitar senti-los como desagradáveis, assim como serão, em certo momento, os estímulos pulsionais internos. Nesse momento, sob domínio do princípio do prazer, há um desenvolvimento no ego que resulta na aparição de dois tipos de mecanismo: o de introjeção e o de projeção. A partir do momento em que os objetos apresentados constituem fontes de prazer, o ego os toma para si – ele os introjeta; e, por outro lado, expelle de dentro de si mesmo, qualquer coisa que se torne uma causa de desprazer – ele os projeta.

A partir desse processo de distinção entre o interno e o externo, o ‘ego da realidade’ original se transforma em um ‘ego do prazer’ purificado, que coloca o prazer em primeiro lugar. Para este ego, o mundo está dividido em duas partes: uma agradável que foi incorporada a si mesmo; e num remanescente que lhe é estranho. Uma parte do seu próprio eu foi isolada e projetada no mundo externo e sentida como hostil. Após essa nova configuração, as duas polaridades voltam a se coincidir: o sujeito do ego coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer (antes sentido como indiferente). O segundo oposto ao amar, a saber, o odiar atinge seu desenvolvimento quando o objeto faz a sua aparição durante a fase do narcisismo primário.

Nota-se, nesse instante, que da mesma forma que o par de opostos amor – indiferença reflete a polaridade ego – mundo externo, a segunda antítese amor – ódio reproduz a polaridade prazer – desprazer (está também ligada à primeira polaridade). Quando a fase objetal substitui a fase puramente narcisista, o prazer e o desprazer determinam as relações entre o ego e o objeto. Tendo o objeto se tornado uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (urge) motora que procura trazê-lo para mais perto do ego e, por fim, incorporá-lo. Nessa relação, podemos falar que

‘amamos’ o objeto que nos proporciona prazer e que o mesmo nos exerce uma ‘atração’. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis:

“há uma ânsia (urge) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos ‘repulsão’ do objeto, e odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto – uma intenção de destruí-lo.” (1915, p. 141)

Nessas relações entre as pulsões e seus objetos, Freud explicita que os termos de amor e de ódio não podem ser usados para caracterizá-las, mas estes se encontram reservados para as relações entre o ego total e os objetos. A palavra amor, portanto, só pode começar a ser aplicado após ter ocorrido uma síntese de todas as pulsões que compõe a sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais e da função reprodutora. O ódio, por outro lado, não aparece intimamente ligado ao prazer sexual ou a função reprodutora. O ego abomina, persegue e tem o intuito de destruir todos os objetos que lhe são fontes de desprazer, sem levar em conta o aspecto da satisfação sexual ou das necessidades de autopreservação. Os verdadeiros modelos da relação de ódio não se originam da vida sexual, mas do conflito do ego para se preservar.

“Vemos, assim, que o amor e o ódio, que se nos apresentam como opostos completos em seu conteúdo, afinal de contas não mantêm entre si uma relação simples. Não surgiram da cisão de uma entidade originalmente comum, mas brotaram de fontes diferentes, tendo cada um deles se desenvolvido antes que a influência da relação prazer-desprazer os transformasse em opostos.” (1915, p.143)

Por fim, Freud reúne as questões explicitadas a respeito da gênese do amor e do ódio. O amor é resultado da capacidade do ego de satisfazer de forma auto-erótica algumas pulsões através do prazer do órgão; sua origem é narcisista, passando, em um segundo momento, a investir em objetos que foram incorporados ao ego ampliada, e expressa os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer. Em outro momento, esse ‘amor’ torna-se intimamente vinculado à atividade das pulsões sexuais, e, ao sintetizar-se com tais pulsões, se vincula a elas como um todo.

Ao longo do complexo desenvolvimento das pulsões sexuais há fases preliminares do amor que surgem como finalidades sexuais provisórias. A primeira consiste na fase de incorporação ou devoramento – “um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente.” (1915 p. 143).

Em outra fase, mais especificamente na organização sádico-anal pré-genital, a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (urge) de dominar, que não leva em consideração o dano ou o aniquilamento do objeto – este é indiferente. Nessa etapa ainda preliminar, o amor ainda não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto; apenas com o estabelecimento da organização genital que o amor se torna o oposto do ódio. A relação do ódio com os objetos é, por sua vez, mais

antiga que a do amor; sua origem remete ao repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu excesso de estímulos. As qualidades de ódio apenas são transmitidas às pulsões quando as pulsões do ego dominam a função sexual, como por exemplo, no caso da organização anal-sádica.

A terceira e última antítese do amar consiste na passagem do amar em ser amado, que corresponde à atuação da polaridade atividade-passividade – esta deve ser julgada de forma semelhante aos casos de escopofilia e de sadismo.

Os destinos pulsionais, em conclusão, estão essencialmente sujeitos às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental. Freud descreve-as da seguinte maneira: a da atividade-passividade como biológica, a do ego - mundo externo como a real, e a do prazer - desprazer como a polaridade econômica.

Considerações Finais: a sexualidade em uma face clínica

A título de conclusão, podemos tomar dois textos em que Freud discute aspectos da clínica para, a partir deles e do que foi discutido até agora, traçarmos pontos significativos da relação clínica-corpo-afetividade. São eles: *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise* (1912) e *A Dinâmica da Transferência* (1912b).

Como vimos, o afeto é um aspecto da vida humana considerado por Freud como algo essencial para a formação da personalidade. A dinâmica pulsional se dá por investimentos e contra-investimentos, ora em objetos, ora no próprio sujeito. Gostar de algo, gostar de alguém e de si mesmo são conseqüências dos caminhos que as pulsões vão tomando ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Percebemos ainda que, ao tratar das pulsões, ainda que defenda a existência de dois grupos delas (quer seja na primeira teoria pulsional, quer na segunda), Freud dedica atenção maior às sexuais. Estas, num primeiro momento, entram em conflito com as pulsões do eu e, mais adiante, unem-se às pulsões de autoconservação para dar origem às pulsões de vida e de morte que também estarão em conflito.

O texto abaixo ilustra o conflito pulsional e um de seus efeitos na relação do paciente com o analista.

“Ora, nossas observações demonstraram que somente uma parte daqueles impulsos que determinam o curso da vida erótica passou por todo o processo de desenvolvimento psíquico. Esta parte está dirigida para a realidade, acha-se à disposição da personalidade consciente e faz parte dela. Outra parte dos impulsos libidinais foi retida no curso do desenvolvimento; mantiveram-na afastada da personalidade consciente e da realidade, e, ou foi impedida de expansão ulterior, exceto na fantasia, ou permaneceu totalmente no inconsciente, de maneira que é desconhecida pela consciência da personalidade. Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com idéias libidinais antecipadas;(...).

Assim, é perfeitamente normal e inteligível que o investimento libidinal de alguém que se acha insatisfeito, um investimento que se acha pronto por antecipação, dirija-se também para a figura do médico” (1912, p.111)

O fruto de um investimento assim decorrente é a transferência, que se apresenta como “a mais poderosa resistência ao tratamento”, enquanto que, fora da análise, “deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso.” Dessa transferência é que pode surgir também um outro fenômeno importante para o tratamento: a resistência.

Em análise, percebemos que quando a libido do paciente se acha mais voltada para longe da realidade, é papel do analista ajudar o paciente a persegui-la, tornando-a acessível à consciência. No momento em que a libido que havia se escondido no inconsciente é encontrada, todas as forças anímicas se voltam contra ela, formando resistências para conservar o estado de coisas. Assim, “podemos concluir que a intensidade e persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência.” Isso se encontra diretamente relacionado à vida emocional.

“Com referência aos últimos [sentimentos do inconsciente], a análise demonstra que invariavelmente remontam a fontes eróticas. E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente. Originalmente, conhecemos apenas objetos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente.”(1912, p.116)

Com isso, aprendemos que a sexualidade encontra-se tanto na etiologia das neuroses quanto no tratamento analítico. A economia pulsional torna-se, portanto, peça chave para compreender o aparelho psíquico e para remoção de sintomas. Ao mesmo tempo, recordamos que as pulsões estão também na origem do sintoma, uma vez que este é fruto de uma pulsão recalcada. Freud defendia que é através da afetividade entre paciente e analista que o tratamento analítico produz efeito:

“Em todo tratamento analítico surge, sem interferência do médico, uma intensa relação emocional entre o paciente e o analista, que não deve ser explicada pela situação real. Pode ser de caráter positivo ou negativo, e pode variar entre os extremos de um amor apaixonado, inteiramente sensual, e a expressão infrene de desafio e ódio exacerbados. Essa transferência — para designá-la pelo seu nome abreviado — logo substitui na mente do paciente o desejo de ser curado, e, enquanto for afeição e moderada, torna-se o agente da influência do médico e nem mais nem menos do que a mola mestra do trabalho conjunto de análise. (...) seria insensato fugir à mesma, pois uma análise sem transferência é uma impossibilidade. (...) Quando não existe nenhuma inclinação para uma transferência de emoção tal como esta, ou quando se torna completamente negativa, como acontece na demência precoce ou na paranóia, então também não há qualquer possibilidade de influenciar o paciente por meios psicológicos.” (1925, pp. 46 e 47)

Por outro lado, o próprio Freud orienta o analista a uma certa “frieza” a fim de realizar um bom trabalho. Isso nos interessa porque confirma sua convicção de que a clínica é um espaço para reprodução de fenômenos sexuais-afetivos que se dariam em outros ambientes, mas que neste espaço, se forem bem manejados, podem ajudar a alcançar os efeitos desejáveis de cura.

“Não posso aconselhar insistentemente demais os meus colegas a tomarem como modelo, durante o tratamento psicanalítico, o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, e concentra suas forças mentais no objetivo único de realizar a operação tão competentemente quanto possível. Nas condições atuais, o sentimento mais perigoso para um psicanalista é a ambição terapêutica de alcançar, mediante este método novo e muito discutido, algo que produza efeito convincente sobre outras pessoas. Isto não apenas o colocará num estado de espírito desfavorável para o trabalho, mas torna-lo-á impotente contra certas resistências do paciente, cujo restabelecimento, como sabemos, depende primordialmente da ação recíproca de forças nele. A justificativa para exigir essa frieza emocional no analista é que ela cria condições mais vantajosas para ambas as partes: para o médico, uma proteção desejável para sua própria vida emocional, e, para o paciente, o maior auxílio que lhe podemos hoje dar. Um cirurgião dos tempos antigos tomou como divisa as palavras: ‘Je le pansai, Dieu le guérit.’ O analista deveria contentar-se com algo semelhante.(1912b, p.128)

Chegamos assim, a partir da leitura de alguns textos de Freud, à inferência de que o corpo que se apresenta à clínica é fortemente marcado pela experiência sexual desde a mais tenra infância. Este corpo, afetado por estímulos e excitações, sofre os resultados dos conflitos pulsionais que se desenvolvem no aparelho psíquico. Ao mesmo tempo, ele é o meio através do qual o psíquico (sobretudo o inconsciente) se manifesta, quer na forma de decisões, de atitudes, de sintomas, de atos falhos, posturas, relações etc, quer na ausência desses fenômenos. O corpo do paciente que se apresenta à clínica é também um estímulo que provocará no corpo do analista efeitos da dinâmica pulsional.

Referências

- 1 - FREUD, Sigmund. **A Sexualidade na Etiologia das Neuroses (1898)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. III, 2006, Imago. Rio de Janeiro.
- 2 - _____. **Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII, 2006, Imago. Rio de Janeiro.
- 3 - _____. **A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão (1910)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XI, 2006, Imago. Rio de Janeiro.
- 4 - _____. **Dinâmica da Transferência (1912)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XII, 2006, Imago. Rio de Janeiro.
- 5 - _____. **Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise (1912b)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XII, 2006, Imago. Rio de Janeiro.

6 - _____. **Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV, 2006, Imago. Rio de Janeiro.

7 - _____. **Os Instintos e suas Vicissitudes (1915)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV, 2006, Imago.

8 - _____. **Conferência XXVI – A Teoria da Libido e o Narcisismo (1917)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV, 2006, Imago.

9 - _____. **Além do Princípio de Prazer (1920)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIV, 2006, Imago.

10 - _____. **Um Estudo Autobiográfico (1925)**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XX, 2006, Imago. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.